

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

Caboclos titânicos no Inferno Verde:

Trabalhadores migrantes cearenses entre a história, a memória e a literatura*

ANTONIO ALEXANDRE ISIDIO CARDOSO**

Inferno é o Amazonas... Inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras d'onde veio carinhosamente resguardada na alma anciada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta.

Mas enfim, o inferno verde, si é a gehenna de torturas, também é a mansão de uma esperança: sou a terra promettida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, intelligencia e providas de dinheiro; e que um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra da civilização, que os primeiros immigrados, humildes e pobres pionniers do presente, esboçam confusamente entre blasphemias e ranger os dentes.
(RANGEL, 1927:281)

O inferno *geralmente* é o *lugar* para onde mandamos os *outros*, contudo, o que ocorre quando nós mesmos queremos ir para o inferno? Incoerências a parte, pode-se argumentar que o inferno para uns seja o paraíso para *outros*, pois o que *aqui* é ruim *lá* pode ser bom, e que, portanto, o inferno pode transmutar-se em paraíso, e vice-versa. Alberto Rangel brinca com essas imagens quando classifica o Amazonas como *inferno verde*, personificando a natureza como madrasta assassina dos “insanos” que ousavam ir de encontro aos seus rios e matas, perturbar a sua paz “inculta”. Para o autor, transpor o desafio de enfrentar o inferno era tarefa que custava a vida de milhares de pobres *pionniers*, peões que iniciavam o avanço no tabuleiro, limpando o terreno para a ação triunfal e vitoriosa das raças superiores. A floresta homicida de Rangel guarda ainda em sua elaboração discursiva a possibilidade de ser subjugada através do trabalho, de transformar-se um dia em Paraíso, depois de serem sorvidas as vidas dos subalternos pioneiros.

Rangel disponibiliza um arsenal de referências sobre o tema do trabalho dos migrantes na floresta em sua obra. Pupilo de Euclides da Cunha, o autor tem em seus escritos uma forte influência do mestre (que, inclusive, prefacia *Inferno Verde*), tendo como inspiração também um grande sertão, porém verde e úmido, interessando-se, especialmente, pela vida dos

* Artigo advindo das discussões da dissertação de minha autoria: **Nem sina, Nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico. (1847-1877)**. Fortaleza – Dissertação de mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará, 2011.

** Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

intrusos que assaltavam a selva. A composição dos seus personagens tem base essencialmente na figura do *cearense*, sertanejo migrante, que, segundo o autor, na velocidade de uma *infestação* estabeleceu-se pelas matas, pagando duras penas pela audácia de enfrentá-la, sofrendo no cotidiano de trabalho dos seringais.

A onda imigratória, esses cearenses, como elle se exprime (...), em vago resaibo (sic) de desprezo e despeito, chofraria em praga, invadindo a floresta; mal sabe (...) a avidez da sociedade nova acampada no Amazonas, elle com seu caráter reservado, onde paira certa tristeza de exilado na própria pátria. (RANGEL, 1927:45)

Ser um exilado, nesse sentido, significa ser um estranho, perdido diante da imensa floresta, que para Rangel não havia sido ainda incorporada à pátria, e isso, porque “ela” não queria! Vista como vingativa, “Ela” erigia todas as dificuldades, ajudando a construir uma sociedade desgraçada, condenada ao trabalho extenuante, que só poderia sobreviver através dos maiores sacrifícios.

Essa personificação dava a floresta nome e sobrenome, era o *Inferno Verde*, registrado num cartório diferente dos convencionais, pois o documento era fabricado nos seringais, letra por letra, ou melhor, dia após dia, com um tinteiro de suor e sangue, e com o carimbo feito de borracha.

Pode-se considerar, dialogando com Rangel, que a constituição dos mundos do trabalho da floresta, em sintonia com o vertiginoso acréscimo de sua participação como fornecedora de matérias primas ao mercado internacional, que ajudaram a conformá-la como fronteira, contribuiu com os ares da representação do *Inferno Verde*. É possível afirmar, ainda, que essa dedução teve a colaboração das experiências de milhares de trabalhadores, que participaram das tramas do cotidiano do regime e relações de trabalho, que modificou de maneira significativa as características dos caminhos da faina pelas matas.

O corte da seringa, principal atividade extrativa, era organizado a partir de uma longa cadeia de aviamento¹, forjado no decorrer do século XIX, que desaguava num regime de trabalho altamente coercitivo, que enclausurava as esperanças dos trabalhadores dedicados ao

¹ O aviamento significava uma prática econômica baseada no endividamento ou crédito que mantinha a cadeia de produtores das “drogas do sertão amazônico”, *aviando-os*, ou seja, fornecendo-os alimentos, armas, roupas, dentre outros gêneros, em troca dos produtos conseguidos na floresta. Esse sistema também estava atrelado ao transporte de trabalhadores para a floresta, a quem posteriormente eram cobrados os encargos da viagem, pagos em trabalho Ver. WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo, 1993 [usar sistema “autor, data”].

extrativismo da *Hevea*. Estes eram presos a dívidas, submetidos a doenças e as distâncias, que praticamente minavam as possibilidades de um breve retorno a terra natal. Nesse sentido, o *rush* gumífero foi portador das sementes de um *inferno amazônico*, erigido e vivenciado através das agruras de seus trabalhadores, que reelaboraram em seu cotidiano as mensagens atrativas dedicadas ao Norte das matas, lhes dando outros significados.

Existe também uma íntima relação entre a problemática das migrações e a evidenciação da floresta enquanto território de estorvo, pois ao deslocarem-se os migrantes estavam sofrendo um processo de mudança nos seus referenciais de sobrevivência, levando em conta as drásticas diferenças entre os meios de vida dos lugares de origem e os das matas e rios amazônicos. Havia transformações da lida com a natureza, nos hábitos alimentares, nas relações e no ambiente de trabalho, nas práticas de cura (em resposta as novas doenças), ou seja, sentidas em dimensões fundamentais da vida. Os estranhamentos e a saudade perpassavam a vida dos migrantes que chegavam à floresta, que à época do *boom* gumífero geralmente buscavam os seringais cada vez mais distantes, implicando num acréscimo das dificuldades, principalmente em se tratando das vagas possibilidades de retorno.

Estas feições dos mundos do trabalho da floresta deixaram Euclides da Cunha estarrecido. Em seus escritos, fruto de sua participação como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purus em 1905, destacam-se muitos aspectos da vida na floresta, o que ressalta a polivalência intelectual do autor, em comentários que vão desde teorias sobre a sinuosidade dos rios, até revoltadas críticas dirigidas aos ditames do cotidiano de trabalho da extração do látex.

Euclides da Cunha pode ser considerado um dos autores de maior influencia na literatura sobre a floresta no século XX, contribuindo grandemente para a constituição homogeneizante que se aglutinou na denominação *Amazônia*, e também no que se refere a representação usualmente utilizada para denominar os migrantes, principalmente os cearenses, como *vítimas* e/ou *heróis*.

A escrita vibrante de Euclides posiciona os leitores a bordo de um vapor, com os olhos fitos nas margens, apreciando um mundo cheio de exotismos aos olhos dele, ou seja, do *outro*, onde habitavam homens e mulheres que tinham de enfrentar um duríssimo cotidiano de trabalho para conseguir sobreviver. Os homens que sobreviviam diante de todas aquelas dificuldades visualizadas pelo autor de *Os sertões* foram nomeados como *Caboclos titânicos*,

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

4

caracterização que focalizava a vivência dos migrantes na labuta. Ao “suportar” toda a carga de problemas nas matas, depois de enfrentar uma travessia cheia de agruras até chegar ao território amazônico, os migrantes encontrados por Euclides eram vistos também como *amansadores de deserto*, fazendo “sem o saberem” um trabalho de titãs.

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo da campanha formidável. (...) O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território (CUNHA, 1999:29-30).

O olhar do homem do sul, como o próprio autor assevera fazendo referência a si mesmo, não reconhecia sua face naqueles rios e matas, assombrando-se ante o que considerava alheio aos seus valores. A floresta é caracterizada por Euclides como um ambiente hostil e desértico, que necessitava ser amansado, o mesmo objetivo que os invasores (colonizadores e exploradores em geral) tinham para com os povos indígenas, que deveriam ser afeitos aos valores do “mundo dos brancos”. A tarefa de transformar o deserto num território habitável, susceptível e compatível à civilização (vista pelos olhos de um homem de vida urbana, como Euclides), era uma tarefa de dificuldades gigantescas, que só poderia ser executada por titãs, traduzidos na figura dos “cearenses, paraibanos e sertanejos nortistas em geral”. Esses eram os heróis ingênuos de Euclides, representados em homens, que apesar da largueza de sua campanha, não tinham noção da gravidade de seus feitos para os interesses do Brasil, cumprindo suas tarefas absortos, ganhando seus míseros tostões diante de enormes dívidas, para depois se juntar aos ritmos dos demais habitantes da floresta, que só viviam “drinking, gambling and lying – bebendo, dançando, zombando – na mesma doloríssima inconsciência da vida...”²

Um dos momentos mais marcantes do texto euclidiano trata da descrição das comemorações do *sábado de aleluia* dos habitantes das localidades visitadas, onde não havia lugar para “missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas

² **Obs.** Existe um equívoco na tradução feita por Euclides da Cunha, pois “drinking, gambling and lying” significa em português “bebendo, jogando e mentindo” (e não “bebendo, dançando e zombando”). Todavia, entende-se que a expressão e a sua utilização no texto não perdem seu valor explicativo. Agradeço a observação a Davi Avelino Leal, que com uma leitura bastante acurada apontou o equívoco.

comovidas” (CUNHA,1999:52). Em alternativa aos ritos considerados tradicionais, os seringueiros organizavam-se em torno da montagem da figura de Judas, representado num boneco que seria mais tarde esfolado como castigo aos crimes do algoz de Jesus Cristo. Segundo Euclides, a figura a ser malhada era feita como uma espécie de autoimagem dos seus construtores, esculpido como uma retaliação voltada aos próprios migrantes. O *monstro* era montado e jogado no rio para ser fuzilado à medida que passava nas proximidades das habitações, até que finalmente, à deriva, perecia e desaparecia nas águas.

É um triunfo doloroso. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingasse de se mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade de infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. (CUNHA, 1999:55)

Judas, nesse cenário, é associado ao judeu errante, Judas-Asvero, condenado a vagar eternamente como punição por seus pecados contra Cristo. As representações são posicionadas pelo autor como meio de exemplificar a trajetória dos migrantes como uma sina irretorquível, condenados pela sua *inconsciência* a vagar pelo mundo, pela falta de reflexões ponderadas sobre seus destinos, sofrendo em terras alheias sem nunca conseguir retornar a terra natal. A vida para essas pessoas, no entendimento do autor, ia passando, e a única alternativa seria a *ignorância de si*, até que o trabalho extenuante e as dívidas dessem cabo da errância sem fim.

Desse modo, o migrante é posicionado como trabalhador inconsciente, mas heroico, pois fazia, sem o saber, um trabalho de gigante, sob as penas de sua decisão infundada e irrefletida de migrar. Esses arrazoados foram tomados como referência para a confecção de várias outras obras que perpassaram o tema dos deslocamentos ao território amazônico. A ideia do trabalhador robusto, mas inconsciente, que seguia seus caminhos sem reflexão, sem atentar aos problemas, foi um dos moldes largamente atribuídos à representação dos migrantes. Os cearenses foram utilizados como *tipo*, mesmo caracterizando uma imensa e heterogênea parcela de pessoas que empreendiam a travessia. A lida com essa dedução teve sua raiz no consenso entre os autores no que se refere à origem do maior grupo de migrantes, conformado por cearenses, que teriam sido expatriados de suas terras pelas secas, fracos e incapazes de interferir em seus destinos, mas que ao adentrarem na calha do gigantesco amazonas passavam a impor-se diante dos desafios com a tenacidade de verdadeiros *heróis*.

Essas referências podem ser analisadas em riqueza de detalhes na obra de Craveiro Costa, que também contribuiu com a sedimentação dessas representações.

Assim, acossados da terra natal pela inclemência do sol, penetraram ousadamente a mata opressora em cujo seio úmido a morte imperava. E subiram os rios amplos cujas margens dominava o selvagem, que se precavia, se amoitava, nas sebes e no cimo das árvores, de tocaia, à espreita do invasor para feri-lo mortalmente; e transpuseram os saltos perigosos das correntes encachoeiradas, realizando a audácia dos primeiros avanços através desses precipícios vertiginosos; iniciaram a entrada pelos igarapés torcicolantes, mata adentro, buscando as nascentes no perlongamento dos meandros traiçoeiros, à cata da seringueira... E, no verdor eterno da floresta virgem, disputando ao índio a terra e a água e ao clima inóspito a própria vida, escondiam as saudades torturantes das campinas natais, afogavam a nostalgia intensa que os devastava, dos lares ermos da sua solicitude. Mas a terra deflorada pelo cearense heróico, que excedeu em pertinácia e arrojo ao bandeirante, a floresta que ele feria, abrindo caminho para frente, lançando a semente da abundância ao redor das primeiras habitações, restituía dadivosa, com prodigalidade infinita, aquelas rudes canseiras incessantes... (COSTA, 1998:37)

O jogo de imagens se movimenta com a travessia, pois na terra natal os migrantes são percebidos como *acossados pela inclemência do sol*, e nos rios e matas amazônicas, como audaciosos, corajosos, guerreiros. Essa ambígua transformação está fortemente presente no texto de Craveiro Costa³, alagoano radicado no Acre, que publicou em 1924 a primeira edição de *A conquista do deserto ocidental*, originalmente impressa com o título *O fim da epopeia*.

É interessante não perder de vista a escolha desses títulos, tendo como ideias chave as palavras *epopeia* e *conquista*, que traduzem o raciocínio do autor quanto ao destino dos migrantes cearenses pela floresta. A primeira ideia advém do gênero narrativo ligado às grandezas da aventura, dos perigos enfrentados em busca de tesouros e mistérios, e a segunda antecipa ao leitor o *sucesso* dos participantes da incursão, que, no entender do autor, alcançaram seus objetivos. O território amazônico teria sido tomado de assalto pelos cearenses, numa *epopeia de conquista*, que audaciosos e cheios de coragem, quiçá até ultrapassando os *lendários bandeirantes*, chegaram aos mais distantes rios, desafiaram os mais poderosos indígenas, em busca dos afamados dividendos das seringueiras. A floresta, guardiã das ricas árvores, não passava nesse contexto de um deserto, que deveria ser fecundado pela força desses homens.

³ Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, onde possui vasta obra. Participou no Acre da criação do primeiro jornal a circular na cidade de Cruzeiro do Sul em 1906, foi ainda Inspetor da mesa regional e exerceu a presidência do Conselho Municipal da capital do extinto Departamento do Alto Juruá de 1912 a 1915.

Todavia, embora exista a construção da faceta heroica, toda a articulação do cenário, no qual o migrante é o protagonista, tem uma base que se inicia de maneira muito distante das representações de força e coragem apresentadas acima. No começo da epopeia o personagem heroico não tem as mesmas características, ou seja, no início de sua travessia o cearense é lido como um miserável, vitimado pelas secas, andeijo que mal pode com o próprio peso, esquelético, embrutecido pela fome, tendo sido expulso de sua terra quase morto, *tangido* pela estiagem. Seguindo esse raciocínio, ao chegarem aos portos amazônicos a sorte dessas pessoas não mudava, pois nos primeiros contatos ainda não são cobertos de honrarias, mas *jogados* nas embarcações como parte das mercadorias, destinando-se aos altos rios e suas florestas cheias de látex.

Levas numerosas de flagelados aportavam a Belém e Manaus com os organismos cambalidos pela fome, e eram logo recrutadas pelo comércio e metidos no bojo dos gaiolas, para a longa e torturante jornada da qual muitos nunca mais voltavam a ver as serras natais, mortos nos barrancos ao abandono da mais elementar assistência, pelas endemias reinantes e peculiares às regiões desertas e úmidas.(...)

Os comerciantes largavam esses homens seminus e esqueléticos aqui e ali, a margem dos rios navegáveis, com grande cópia de mantimentos, armas e munições, à mercê dos fardos incertos, à fabricação da borracha já então ardentemente procurada pelas novas indústrias que surgiam na Europa. (COSTA, 1998:36)

É visível uma mudança na faceta dos migrantes, que iniciam a empreitada “seminus e esqueléticos”, e depois são alçados a pedestais de deidade, vestindo-se com a indumentária de conquistadores audazes. De esfaimados passam a figurar como ponta de lança da almejada exploração das matas, lutando contra as asperezas da floresta, objetivando conquistá-la, subjugá-la. Pode-se perceber que essas duas referências subsistem, atribuindo significados a figura dos migrantes, mesmo apresentando representações dispares.

A construção dessa noção não é uma particularidade da obra do membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Craveiro Costa, levando em conta a repetição desse tipo de dedução em outros autores, que caminham por um percurso parecido.

Samuel Benchimol, importante intelectual amazonense, também não deixou de salientar que “a superioridade do imigrante cearense é flagrante. Quando se fala com ele sente-se estar na presença de algo estranho e inacreditável em sua personalidade de homem livre.”(BENCHIMOL, 1977:180). Mais uma vez, a alusão é feita através de um tom elogioso, o cearense é tido como *ideal* de trabalhador, destacando-se ante todos os outros os migrantes

em sua personalidade, pois fareja riqueza e aventura, com *apetite de seringa*, que o tornaria *superior*.

É importante destacar que o autor possui um amplo e rico trabalho⁴ sobre a problemática dos migrantes cearenses pelo Amazonas, entrevistando muitas dessas pessoas nos idos dos anos 1940. Essa época fora caracterizada pela *Batalha da borracha*, quando havia uma propaganda aberta pelo governo Vargas, além de incentivo estatal, no sentido de possibilitar o deslocamento de trabalhadores para os seringais, em demanda da produção de látex destinada aos países aliados.

Referindo-se não só ao contexto da guerra, mas a toda a *aventura* das travessias, Benchimol evidenciava que todas as facetas do deslocamento de migrantes desde o século XIX tiveram razão através de dois caminhos, sendo ora “tangidos pela seca – imigração por fome -, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa – imigração por cobiça, fortuna e aventura, ou simultaneamente por ambos.” (BENCHIMOL, 1977:153) Percebe-se de maneira clara que a enumeração de motivos elencados não é muito variada, apesar da grande quantidade de indícios deixados pelos migrantes nas entrevistas colhidas pelo autor, que apontam uma pluralidade de razões, que embora analisadas e discutidas no texto, são resumidas e amarradas aos fatores climáticos e/ou econômicos. A trajetória de todo um contingente de migrantes “que geralmente procediam das zonas agrestes e sertões do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte” (BENCHIMOL, 1977:153) são resguardadas numa caracterização ambígua, como *duplamente famintos*. Nesse caso a iminência da morte por inanição estava a par da busca pela riqueza do látex

Interessante notar que Benchimol utilizou como metodologia de seu trabalho um “inquérito antropogeográfico”, buscando através de suas questões voltadas aos migrantes esclarecer as *razões* do deslocamento de todas aquelas pessoas, no fito de entender quais os principais motivos que as impeliam. No conteúdo das falas dos homens e mulheres entrevistados salta aos olhos com agudeza o lastro de experiências de deslocamento, podendo ser visualizada a grande importância da ancestralidade do fluxo, assim como das redes de sociabilidade. “Assim é que alguns dos imigrantes vinham para repetir a façanha de um tio, de

⁴ Esse trabalho serviu inicialmente para dar base ao trabalho intitulado “Cearense na Amazônia – um inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante”, publicado em ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia, em 1944 no Rio de Janeiro.

um irmão, do próprio pai” (BENCHIMOL, 1977:197). Um caminho ainda hoje pouquíssimo evidenciado, salvo raras exceções, no que trata a análise de migrações de cearenses.

Além disso, são colocados em evidencia a força dos *boatos* sobre o Amazonas, notícias espalhadas sobre as possibilidades de melhoria na floresta. Como foi para Severino Barbosa, de Santa Rita, Paraíba:

“Vim por causa dos boatos. Diziam que o Amazonas era a nossa salvação, e eu estava com vontade de conhecer também. (...) Quase não havia seca. Eu era pedreiro e pintor e ganhava bem, embora o trabalho não fosse constante”. (BENCHIMOL, 1977:266)

Caso semelhante ao de Alfredo Constantino, cearense do Crato, que afirmou: “(...) nunca tinha me passado pela cabeça vir para o Amazonas. Vim por influência. Eu era agricultor e trabalhava no sítio com minha família. Parece que o diabo me tentou”. Continuando sua fala o migrante aponta o foco de onde foram apreendidas as notícias que o impeliram a migrar: “Começou a correr os boatos, que os jornais espalhavam que no Amazonas precisava-se de agricultores, que todos nós iríamos ter terras e auxílio do governo para plantar.” (BENCHIMOL, 1977:267-268)

São ao todo 56 entrevistas publicadas no texto de Benchimol, que ao serem analisadas divergem grandemente da conclusão do autor, que explica o fluxo migratório através da dupla seca/cobiça. Esse raciocínio ainda tem peso na historiografia, corroborando com a constituição de um olhar reducionista voltado ao tema, onde são levados em consideração um par de fatores, como determinantes.

Similar a Craveiro Costa, Benchimol armou seu esquema explicativo baseado nas modificações das facetas dos sujeitos durante a travessia, mas diferente do autor alagoano (que afirma a mudança de perspectiva durante o percurso, de esfaimado à audacioso conquistador), para Benchimol havia a possibilidade da união das duas características na figura do migrante, que ao mesmo tempo estaria fugindo da seca e ambicionando fortuna.

Um ponto de divergência entre os dois autores diz respeito a atitudes e indumentárias representativas de seus *heróis*, pois um refere-se ao cearense como um novo bandeirante, desafiando todos os problemas em nome da conquista do deserto, da aventura, e o segundo fala do migrante como um caçador de fortuna, com apetite de acumulação financeira, que viria através do látex. Apesar das distinções entre Costa e Benchimol o cerne de suas reflexões incide sobre uma elaboração discursiva similar, construída com base numa

referência homogeneizante das migrações, chegando a eleger *razões* singulares para a travessia e perfis gerais dos migrantes.

Outro autor que se aproxima desse teor argumentativo é Arthur Cezar Ferreira Reis, que publicou sua primeira obra em 1931, chamada *História do Amazonas*. O livro é dividido de acordo com temporalidades políticas, esboçando uma tentativa de abarcar todos os acontecimentos dignos de nota do estado natal do autor, desde o período colonial até os primeiros governos da república velha. Ao falar sobre a migração cearense, Arthur Reis elabora uma trama também cheia de lances de heroísmo, afirmando que apesar de todos os problemas “esses cearenses, contratados pelos pioneiros, não recuaram a um embaraço, (...) O nordestino em páginas de heroísmo, bandeirante, sertanista do século XIX, devassou o vale ocupando-o sem desfalecimentos.” (REIS, 1989:220-221)

Apequena-se no texto o teor problemático do trabalho nos seringais amazônicos em nome da faceta heróica das travessias, além dos demais problemas vividos no processo de reterritorialização dos migrantes, que figuram como aspectos acessórios, amesquinados diante da empresa conquistadora. O importante era avançar heroicamente, incorporando novas fronteiras ao território brasileiro.

Esse tipo de raciocínio caracteriza grandemente a obra do autor, não só em relação aos cearenses, mas a todas as cruzadas de exploração e conquista, seja no apresamento dos índios e correrias visando o trabalho compulsório, seja no caso dos formatos degradantes do sistema de aviamento, considerados percalços necessários à obra maior da *civilização* que estava em curso.

A análise do trabalho dos *pioneiros* que chegaram ao território amazônico é arraigado nos escritos de Arthur Reis, como na obra *O seringal e o seringueiro*, de 1953, publicada pelo Ministério da Agricultura do governo Vargas. O livro busca descrever o sistema e o ambiente de trabalho dos seringais, contemplando as técnicas e manuseio dos instrumentos da faina, as áreas de maior concentração das *heveas*, além de indicar um histórico do avanço dos exploradores em direção aos altos rios. Esse último ponto é tratado com especial atenção pelo autor, que considera o avanço das explorações uma “expansão sensacional, mas desordenada”, configurando uma “outra etapa do deslocamento da fronteira, quando os seringueiros penetraram no território dos altos rios Purus-Acre e Juruá, que desbravaram e transformaram em áreas utilizadas pela ocupação e pela exploração econômica.” (REIS,

1989:31) Arthur Reis acompanha em sua narrativa muitos desses pioneiros em suas travessias rumo ao oeste amazônico, inclusive fazendo alusão as investidas de um deles, João Gabriel de Carvalho e Melo, que retorna ao Ceará em busca de trabalhadores.

Em outubro de 1869 chegou a primeira leva de cearenses. Era de cinquenta homens. Dirigia-a João Gabriel de Carvalho e Melo, pioneiro, ousado, heróico, que se fixara no baixo Purus, para onde levou os nordestinos, trazidos da Serra de Uruburetama. (REIS, 1953:31)

Esse é um registro da primeira incursão do cearense à terra natal, depois de longos anos vivendo no território amazônico. João Gabriel fora como representante do sistema de aviação em busca de trabalhadores. Essa incursão do migrante é tratada como digna de nota não só na obra de Arthur Reis, mas também em Craveiro Costa e Samuel Benchimol, que igualmente falam da trajetória do *heroico* João Gabriel. A figura do cearense aglutina os valores exemplares do *pioneiro*, que se tornam extensivos a todos os migrantes em suas *peripécias* pela floresta, que passam a comungar das mesmas características, mesmo diante da heterogeneidade de suas experiências.

Arthur Reis faz alusão às movimentações de João Gabriel não falando somente do ano de 1869, pois acompanha sua trajetória desde 1857, quando afirma que o cearense encaminhou “quarenta famílias do Maranhão e do Ceará, estas tangidas pela seca de 1845, estabeleceu-se perto da foz do Purus, no Itapá, de onde se deslocou, em 1862, para o Berurí, e para o Tauariá, entre o igarapé Mapixí e a ilha Purupuru-carneira.” (REIS, 1953:32) O autor mapeia os deslocamentos do agente pelo território amazônico no sentido de visualizar as etapas de avanço sobre o rio Purus, assim como para perceber o desenrolar do fluxo migratório de cearenses, no qual João Gabriel é situado como pioneiro.

Ao ler todas as referências organizadas por Arthur Reis sobre o assunto é significativo um episódio em particular, que se refere a outras duas incursões do cearense a sua terra natal. Essas movimentações foram vivenciadas nos anos de 1877 e 1878, períodos de agudas dificuldades decorrentes da problemática da seca na Província do Ceará. Nessas ocasiões, as migrações em direção ao território amazônico foram grandemente acentuadas, não passando despercebidas pelo autor, que avalia a influência da estiagem nos deslocamentos, considerando-a decisivas, “forçando a retirada de milhares de indivíduos (...) um verdadeiro inferno.” (REIS, 1953:34)

Um aspecto digno de nota nos arrazoados de Arthur Reis são as listas de passageiros das duas viagens (arroladas em seu texto), infelizmente sem nenhuma indicação de fonte. O destino dessas pessoas, que fizeram parte da tripulação do vapor Anajaz (1877) e do vapor Tapajóz (1878), foi a boca do rio Aquiry, atualmente Acre, onde se estabeleceu e sedimentou-se uma povoação que perdura até hoje, o município de Boca do Acre/AM. A expedição do Anajaz foi a segunda vinda do Ceará sob a responsabilidade de João Gabriel. É perceptível que o cearense subia progressivamente o rio em suas idas e vindas, desde a sua desembocadura até as proximidades das áreas limítrofes com outras nações, indício da devassa feita em busca de cada vez maiores fontes de produtos das matas, possíveis graças ao número crescente de migrantes presentes nesse processo. Mais uma vez, João Gabriel é posicionado no texto no rol dos heróis da floresta, responsável pela abertura de novas frentes para a exploração, além de ser um sujeito comprometido com a entrada de trabalhadores, considerados tão necessários ao *desenvolvimento* da província.

Carvalho e Melo, com uma nova leva de dezesseis cearenses de Uruburetama à cata de aventuras, ardendo por outras situações onde abundasse o leite tentador da hévea, foi o iniciador dessa ocupação. Aviado da firma paraense “Elias J. Nunes da Silva”, Carvalho e Melo, viajando no “Anajaz”, do comando do piloto Simplício Gonçalves, chegou a 3 de Abril de 1877 à boca do Aquirí, onde deu desembarque, lugar chamado Anajaz, pouco acima da bôca do Acre, à margem direita do alto Purus. Seus companheiros eram: Francisco Inácio Pinto, Alexandre de Oliveira Lima, Francisco Chagas Souza, José Joaquim de Matos, Manoel Paes D’ávila, Quirino José Uchoa, Antonio Pereira de Santana, Manoel Tombador, José Francisco Catuaba, Manoel Nobre, Francisco Xavier Barbosa, Ricardo Pompeu, Ricardo Carneiro, Antonio Clemente, João Terço de Graciano de tal. No ano seguinte, em fevereiro, Carvalho e Melo trazia, no vapor “Tapajoz”, outro grupo de doze emigrantes que se foram distribuindo, como os anteriores, pelas margens do Aquirí e do alto Purus. Chamavam-se: José Duarte de Negreiros e seus filhos José e Vicente Duarte, Francisco Seleiro, Alexandre de Melo, Antonio Severiano, Joaquim Raimundo, Joaquim Francisco, Benedito Pereira de Matos, Francisco Pinheiro Bastos e os irmãos Antonio e Adelino Catunda. (REIS, 1953:33-34)

A *aventura* de João Gabriel é situada como o marco inicial da conquista do território que atualmente corresponde ao estado do Acre. Esse caso é ilustrativo tendo em vista o período de estiagem, outro *marco* considerado por muitos o pontapé inicial do fluxo migratório. O peso dessa argumentação recai principalmente sobre a primeira expedição, a do Anajaz, largamente registrada não só como representante do pioneirismo no Acre, estendendo-se, pois, como exemplo para todo o território amazônico.

Essa dedução erige um duplo problema, reforçando a seca de 1877-1879 como razão das migrações (ou até mesmo como ocasião gênese), e atribuindo aos integrantes da expedição, nomeadamente para João Gabriel, que estava “à cata de aventuras, ardendo por outras situações onde abundasse o leite tentador da hévea”, um rótulo heroico, situado fora do contexto problemático de *fronteira*. Ou melhor, a situação fronteira é considerada, nessa argumentação, um dos componentes que valorizam ainda mais os tripulantes da embarcação, entrando em evidência a *vitória sobre as dificuldades*, que são amesquinhas diante da força dos cearenses do Anajaz.

É interessante perceber que ao vestir os cearenses como heróis são silenciados os problemas motivadores das migrações. Essa dedução indica que ao vencer a distancia, enfrentar a fronteira, tendo sido expulsos pelas secas *fora de si* e em miséria, essas pessoas chegariam à floresta tomando ímpetos de aventureiros, em combates diários nos longínquos seringais, divorciando-se assim de sua condição de trabalhador pobre, e cobrindo-se da aura dos “grandes feitos”. De uma ponta a outra dessas representações existe uma estruturação narrativa que remete a *migrantes desumanizados*, ou seja, transformados em vítima sem vontade, ou em heróis, cujos ímpetos encobrem a problemática social na qual estavam inseridos.

Por isso é importante não perder de vista reflexões sobre as facetas da memória, a construção de marcos históricos, a elaboração de tipos migrantes (vítimas, heróis...), a visibilidade dos mundos do trabalho na floresta, pensando esses fatores criticamente, vislumbrando os caminhos que levaram a construção dessas representações, considerando ainda o peso da participação dos migrantes na empreitada. Algumas dessas dinâmicas foram aqui evidenciadas, levando em conta um compromisso de situar as travessias de trabalhadores migrantes cearenses (analisando sua tessitura) e seus desdobramentos no mundo amazônico historicamente.

Bibliografia

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BULCÃO, Soares. Arraial – Villa de São João da Uruburetama: justificação da mudança de nome. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará**. Fortaleza: [s.n], 1931.

_____. O Comendador João Gabriel. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará**. Fortaleza: [s.n], 1932.

_____. O Comendador João Gabriel: retificações do artigo de 1932. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará**. Fortaleza: [s.n], 1939.

_____. Subsídio para a História do Departamento do Alto-Purus. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará**. Fortaleza: [s.n], 1940.

CARVALHO, José. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Fortaleza: Edições UFC, 1973.

COSTA, Craveiro. **A conquista do Deserto Ocidental**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história: Euclides da Cunha**.- São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleções temas brasileiros.)

_____. **Canudos e outros temas**. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. **O rio Purus**. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960.

_____. **Um Paraíso Perdido: ensaios amazônicos**. Brasília: Senado Federal, 2009.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde (Scenas e Cenários do Amazonas)**. Tours, Typographia Arrault & C^a, 1927

REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

_____. **A Amazônia que os portugueses revelaram**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

_____. **História do Amazonas: súmula para professores**. Manaus: Editora Valer, 2008.

_____. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1953.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia**. 1800- 1920. São Paulo: Queiroz, 1980.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.